

RELATO DE PRÁTICA

A guerra de todos e de ninguém

Foto: Bruno Itan



Michele Borges

michele@desirpsicanalise.com.br

Psicóloga, Psicanalista, membra do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, mestre (2021) e doutoranda pelo programa de Psicologia Social da PUC – SP, no Núcleo de Psicanálise e Sociedade – NUPS, Mestranda pelo Programa de Juventudes da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais da Argentina – FLACSO -BA, Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Crianças, Adolescentes e Família – Ênfase no Sistema de Garantia de Direitos – NCAF – SGD da PUC-SP, Professora universitária e Psicanalista em Consultório Particular.

A guerra de todos e de ninguém¹¹**The war of everyone and no one****La guerra de todos y de nadie.**

O termo *Guerra* nos remete sempre ao horror e à brutalidade da imposição da força como solução para conflitos, à tentativa de controle de um povo ou nação sobre outro. E é mais comum para nós brasileiras e brasileiros quando pensamos na guerra, a localizamos fora, longe, a guerra é sempre a do outro, afinal escutamos por vezes *em nosso país não temos guerra* e até repetimos isso. No entanto, basta analisarmos alguns dados para nos darmos conta de que sim, temos uma guerra em curso que pode ser considerada em algum nível como uma guerra civil, já que desde a invasão do Brasil em 1500 temos o genocídio dos povos indígenas e da população negra e pobre.

Poderíamos nomear como uma guerra de direitos humanos, uma vez que a violência policial e as mortes resultantes dela, muitas vezes concentradas em comunidades pobres e predominantemente negras, refletem uma crise profunda de direitos humanos, desigualdade e discriminação. E por que não falarmos em ditadura? Já que essa, na periferia nunca acabou, pessoas continuam desaparecendo depois de abordagens policiais, as pessoas seguem tendo suas casas invadidas sem mandato, as torturas ainda são o mais utilizado meio de *interrogação* da polícia nas regiões periféricas. O que enfrentamos é uma guerra difusa, sem nome, espalhada, de todos e de ninguém ao mesmo tempo.

¹¹ Texto apresentado na atividade “As Relações Étnico-Raciais: Guerra, Identidade e Gozo, organizada pelas Comissões de Urgências da Época e de Gestão da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL-BR), no dia 03/09/24.

O documentário *A Guerra do Brasil*¹² (2017), aponta dados que nos ajudam a entender esse cenário. Em 2014 o Brasil chegou à marca de 60.474 homicídios quando os demais países da América do Sul somaram 40.469, a União Europeia 5.106 e demais 92 países juntos somaram 58.766. Esses números não são justificados pelo tamanho no nosso país, já que quando comparado a regiões mais populosas, ainda se sobressai. Na Índia, no mesmo período foram 41.623 homicídios, na China, 10.083, nos EUA, 14.164 e na Indonésia, 1.277.

No período entre 2001 e 2015, foram 786 mil homicídios no Brasil, o equivalente a população de João Pessoa ou 1 vez e meia a população de Lisboa. Desses, 442.419 eram pessoas de 0 a 29 anos e 497.911 eram pessoas negras ou pardas. Em 2001, em São Paulo, foram 6.700 homicídios enquanto em Nova York, mesmo com o atentado às Torres Gêmeas, foram 3.386.

Quando comparamos os números em relação às guerras internacionais: no Iraque, entre 2003 e 2017, foram 268 mil mortes; na Síria, entre 2001 e 2016, foram 238 mil mortes; e todos os atentados considerados terroristas no mundo, de 2001 a 2016, somaram 238 mil mortes. No Brasil, neste mesmo período de 15 anos, foram 786 mil mortes, 143 mortes por dia, 6 mortes por hora, 1 morte a cada 10min.

O número aproximado de mortos no genocídio em Gaza¹³, segundo o Ministério da Saúde, é de 40 mil; em 2022, no Brasil, foram 47.963 mortes violentas. Ou seja, em um ano, nosso país mata mais que o massacre em curso contra os palestinos.

De dezembro de 2023 a janeiro de 2024 tivemos a “Operação Verão” no Estado de São Paulo, que terminou com 56 mortes e foi a operação mais letal da corporação desde o massacre do Carandiru em 1992¹⁴.

¹² A guerra do Brasil. Direção: Gripp, Alan. Produção: Amaral, Chico. São Paulo. O Globo. Disponível em: <https://infograficos.oglobo.globo.com/politica/a-guerra-do-brasil.html>

¹³ G1. Número de mortos em Gaza pela guerra chega a 40 mil, diz governo do Hamas; negociação de cessar-fogo começa em Doha. G1, 15 ago 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/08/15/numero-de-mortos-em-gaza-desde-o-inicio-da-guerra-chega-a-40-mil-diz-governo-do-hamas.ghtml>

¹⁴ Filho, Herculano. PM mata 1 a cada 15 h no litoral; ação é a mais letal de SP desde Carandiru. UOL, São Paulo, 22 fev. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/02/22/pm-mata-1-pessoa-a-cada-15-h-em-acao-na-baixada-santista.htm>

Mas por que a nossa guerra não ganha destaque na mídia internacional? Por que insistimos em dizer que em nosso país não há guerra? Essas não são questões fáceis de responder, mas talvez o fato de que esses números atingem sobretudo a população negra e a classe trabalhadora seja uma das razões. Os corpos matáveis – para fazer uso do conceito de necropolítica de Achille Mbembe (2020) – são os deixados para morrer.

Há tempos venho pesquisando como o Estado se faz presente pela ausência quando se trata de pensar políticas públicas para classe trabalhadora. São essas as famílias cujos filhos são assassinados, que não têm acesso à moradia digna, à educação de qualidade e à saúde pública. São essas famílias que, por vezes, sofrem por gerações devido à ausência do Estado e à violação de direitos. São essas famílias que perdem o poder familiar de seus filhos e filhas, muitas vezes apenas por serem pobres. São essas famílias que veem seus filhos e filhas cumprindo medidas socioeducativas ou penas em prisões superlotadas, frequentemente enfrentando processos morosos e cheio de erros. Os protagonistas dessas histórias se tornam estatísticas, meros números, ou, como canta Emicida (2019) “as peles alvo”, já que as peles alvas são as menos afetadas.

A estratégia de desumanização de determinados grupos contribui para esse estado de desafetação em relação às mortes, desqualificando pessoas e, por vezes, qualificando como suspeitos ou marginais – estratégia aliás sempre utilizada pela polícia, que primeiro atira e investiga depois. Isso faz com que, inclusive, a população mais afetada siga sem a dimensão de que vivemos uma verdadeira guerra.

Esses números apresentados anteriormente não contemplam os mortos pela COVID 19, mas sabemos que as regiões mais afetadas foram as periféricas, assim como a maioria das pessoas que não sobreviveram foram as que não puderam ficar em casa, que não tiveram tratamento adequado e às vezes nem respiradores. A primeira pessoa a morrer de COVID 19 no Rio de Janeiro foi uma mulher de 63 anos, empregada doméstica, contaminada por sua empregadora recém-chegada da Itália e que havia testado positivo para o vírus¹⁵.

¹⁵ Veríssimo, Vivian. Trabalhadora doméstica é a primeira vítima do coronavírus no estado do Rio. Brasil de Fato, Rio de Janeiro, 19 mar. 2020, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/19/trabalhadora-domestica-e-a-primeira-vitima-do-coronavirus-no-estado-do-rio>

Novamente a população teve contato inicialmente apenas com os números do ministério da saúde, até que esses números virassem corpos de familiares, conhecidos, amigos, vizinhos. Desde a invasão de nosso país, convivemos com um projeto hegemônico de genocídio da população indígena e negra. Esse projeto sempre esteve em curso, e esses números comprovam o quanto ele ainda segue em pleno vigor.

É urgente e necessário trazer o debate da branquitude para o centro das discussões, pois se faz necessário que pessoas brancas se percebam racializadas e não sigam apontando apenas o outro como racializado. Nesse sentido Cida Bento é precisa:

(...) trata-se de compreender a perspectiva que emerge quando deslocamos o olhar que está sobre os “outros” racializados, os considerados “grupos étnicos” ou os “movimentos identitários” para o centro, onde foi colocado o branco, o “universal”, e a partir de onde se construiu a noção de “raça” (Bento, 2022, p. 15).

A autora nos alerta sobre o quanto se discute a herança escravidão, mas pouco discutimos sobre a herança da colonização e a perpetuação desses benefícios, fazendo que com que a branquitude permaneça em seu lugar de branqui(etude) sem querer refletir sobre seus privilégios:

(...) Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas. É possível identificar a existência de um pacto narcísico entre coletivos que carregam segredos em relação a seus ancestrais, atos vergonhosos como assassinatos e violações cometidos por antepassados, transmitidos através de gerações e escondidos, dentro dos próprios grupos, numa espécie de sepultura secreta (Bento, 2022, p. 23).

Sem refletirmos sobre a herança escravocrata será cada vez mais difícil pensarmos numa sociedade justa e equitativa, seguiremos sendo regidos por um ensaio democrático(Santos, 1997).

É o fato de que a classe média goze de privilégios, não de direitos, que impede aos outros brasileiros ter direitos. E é por isso que no Brasil quase não há cidadãos. Há os que não querem ser cidadãos, que são as classes médias, e há os que não podem ser cidadãos, que são todos os demais, a começar pelos negros que não são cidadãos. Digo-o por ciência própria. Não importa a festa que me façam aqui ou ali, o cotidiano indica que não sou cidadão neste país (Santos, 1997, p. 133).

Em 2020, enquanto ouvíamos que deveríamos ficar protegidos em casa, João Pedro Matos de 14 anos, foi baleado enquanto brincava dentro da sua casa numa ação policial, cerca de 70 tiros foram disparados além de granadas. Tivemos agora, 4 anos depois a decisão do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro que absolveu sumariamente os três policiais civis denunciados pelo assassinato do adolescente sob a alegação de legítima defesa. A Anistia Internacional se posicionou sobre o caso e afirma que a mensagem enviada é que “as favelas são territórios de exceção onde qualquer morte provocada pela ação da polícia permanecerá impune”.¹⁶

Em 2019, o exército disparou 80 tiros contra um carro no Rio de Janeiro, matando Evaldo dos Santos Rosa, a alegação inicial foi de “injusta agressão de assaltantes”, posteriormente disseram que os disparos haviam sido feitos por engano, 80 tiros por engano!¹⁷

Neste mesmo ano, em São Paulo, os jovens: Bruno Santos, de 22 anos; Denys Silva, de 16 anos; Dennys França, de 16 anos; Eduardo da Silva, de 21 anos; Gabriel Moraes, de 20 anos; Gustavo Xavier, de 14 anos; Luara Oliveira, de 18 anos; Marcos Paulo Santos, de 16 anos e Mateus Costa, de 23 anos, saíram para se divertir e nunca mais voltaram para casa, foram assassinados numa ação da Polícia Militar para reprimir o tradicional baile funk da DZ7, que acontece na comunidade de Paraisópolis¹⁸.

Em 2018, Marcus Vinicius da Silva de 14 anos, pergunta para a mãe pouco antes de morrer por disparos policiais e sem socorro: “Ele não viu que eu estava com roupa de escola, mãe?”¹⁹

¹⁶ Nota Pública | Caso João Pedro: não existe legítima defesa quando uma criança desarmada é morta dentro de casa por ação da polícia. Anistia Internacional. Disponível em: <https://anistia.org.br/informe/caso-joao-pedro-nao-existe-legitima-defesa-quando-uma-crianca-desarmada-e-morta-dentro-de-casa-por-acao-da-policia/>

¹⁷ G1 Rio. Homem morre após ser baleado em ação do Exército na Zona Oeste do Rio. 07 abr 2019. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/07/homem-morre-apos-carro-ser-atingido-em-acao-do-exercito-na-zona-oeste-do-rio.ghtml>

¹⁸ Mendonça, Jeniffer. O que foi o massacre de Paraisópolis. Ponte: São Paulo 30 nov 2023. Disponível em: <https://ponte.org/o-que-foi-o-massacre-de-paraisopolis/>

¹⁹ Ramos, Sílvia. Ele não me viu com a roupa de escola, mãe?. 17 jul 2023. <https://observatorioseguranca.com.br/ele-nao-me-viu-com-a-roupa-de-escola-mae/>



Foto: Bruno Itan

No último dia 12, o adolescente Pedro Henrique Oliveira dos Santos de 14 anos²⁰, um garoto negro, homossexual, periférico – aliás morador do mesmo bairro que eu -, bolsista do colégio Bandeirantes, tirou a própria vida por não suportar os atos racistas, classistas e homofóbicos que foram nomeados de bullying, por parte dos demais alunos não bolsistas. Depois dele e sua mãe procurarem o *Programa Ismart*²¹ que concedeu a bolsa e a única ação da organização foi conceder o atendimento de uma psicóloga. Pedro Henrique não suporta e tira a própria vida. Diante desta tragédia, o colégio Bandeirantes alega a intenção de rever a parceria com a Ismart, o ex-diretor do colégio, que hoje ocupa o cargo de assessor do núcleo de estratégia e inovação, dois dias depois o suicídio do aluno, em reunião com demais alunos bolsistas em que era cobrado por uma ação, diz se referindo a esses alunos: "nível de agressividade grande e espantoso"²². Numa sociedade omissa, violenta em que a legítima “dor dos Judeus choca e a nossa gera piada” como cantou Emicida (2015), podemos dizer esse garoto foi assassinado!

São inúmeros os casos que poderíamos citar em todo Brasil e ainda incorreríamos no erro de não elencar todos, já que muitos nem vão para a mídia. Sidi Askofarè, em conferencia dada no FCL-RJ em 2022²³, nos questiona “o que acontece com a psicanálise em sociedades racializadas ou mesmo em sociedades racistas?” e retomo aqui pela importância dessa pergunta a nós psicanalistas.

²⁰Batista Jr, João. Tragédia antes da aula. Piauí: São Paulo 21 ago 2024. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/suicidio-aluno-colegio-bandeirantes/>

²¹ Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos (Ismart), programa que oferece acesso a educação (presencial e online) e bolsas de estudos para jovens periféricas/os, do ensino fundamental à universidade.

https://www.ismart.org.br/?utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=institucional&gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwo8S3BhDeARIsAFRmkONuIOW0zRZsNEVZCxO8F5roAFLMrjYf1Q5xANCbQHmNhAvPm-UXjskaAn3mEALw_wcB

²² Negreiros, Adriana. Após suicídio, Bandeirantes quer rever acordo com ONG que escolhe bolsistas. UOL, São Paulo, 27 ago. 2024. Disponível em:

https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2024/08/27/apos-suicidio-de-bolsista-bandeirantes-quer-rever-parceria-com-ismart.htm?utm_source=whatsapp-network&utm_medium=compartilhar_conteudo&utm_campaign=organica&utm_content=geral

²³ Conferência proferida na sessão de abertura das atividades do FCL-RJ em março de 2022, com participação de Antônio Quinet e Elisa Cunha como debatedora. Organizada em forma de artigo para revista Stylus, pela Comissão de Relações Étnico-raciais, Diversidade e Equidade da EPFCL-BR. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jmOiHfWI4IM>

Questão que ele coloca já admitindo a complexidade dessa resposta sem passar por pontos como: “a questão da colonização (dominação colonial), a questão da sociologia da psicanálise, a questão econômica (quem pode ‘pagar’ por uma análise?), a questão das condições culturais de acesso à psicanálise, a questão dos modos de propagação do discurso psicanalítico e, por fim, a formação de analistas”.

Este trabalho não nos permite abordar essa questão como precisaríamos, mas retomo um trecho fundamental acerca da redução do racismo à segregação:

É por isso que a redução do racismo à segregação, além de atenuar e generalizar o racismo, não apenas o despolitiza, mas também o dessexualiza, silenciando, notadamente, as fantasias que sustentam e nutrem uma série de comportamentos racistas, bem como os motivos inconscientes dos afetos aferentes. Só que confundir o “racismo das sociedades e das culturas”, o “racismo dos discursos” (do qual fala Lacan) e o racismo dos indivíduos-sujeitos é também e sobretudo apagar algo maior: o racismo como discurso que justifica a dominação, a exploração, o desprezo, a humilhação, e até mesmo o ódio. Há uma economia política do racismo que explica que ele é necessariamente acompanhado de interesses particulares de sujeitos ou grupos, de modo que é impensável que uma sociedade escravagista ou colonialista, e não é para vocês, brasileiros, que eu vou ensinar isso, esteja livre do racismo. O que a psicanálise pode trazer à luz e esclarecer é como os sujeitos incorporam essa ideologia e que uso de gozo eles fazem disso (Askofarè, 2023, p. 19).

Andreia Guerra no livro “Sujeito Suposto Suspeito” propõe uma atualização do discurso do mestre moderno para o discurso do colonizador e finaliza nos convocando uma batalha:

Reduzida à florescência imaginária e constituídos os nomes do real neocolonial em curso, saber-fazer de outra maneira com o isso que resta é, portanto, a aposta analítica na passagem de uma relação de ódio, desprezo ou de suspeita, que coisifica, elimina ou consolida o outro como inimigo, para a formulação de uma nova pergunta que possa, em sua originalidade, indicar novos caminhos estruturais para o gozo – já que dele não nos livramos. Não seria essa uma batalha mais interessante? (Guerra, 2022, p. 174).

A psicanálise sempre dialogou com questões políticas, posicionando-se de forma subversiva em muitos temas. Esta é uma questão que devemos refletir, discutir e que precisa atravessar nossas formações e nossa escuta. Talvez a maior importância desse debate seja justamente podermos pensar o que nós psicanalistas temos com isso tudo, como podemos contribuir e sobretudo, como podemos aprender com as *Carolinas desacostumadas das favelas* que escrevem a dor da fome e da desigualdade social ou com as *Antígonas periféricas* que não cansam de lutar e que arriscam tudo para poderem enterrar seus mortos.

A música de Vinny Santa Fé, 80 tiros reforça o que aponto nesse trabalho:

Você confunde furadeira com pistola
Depois confunde guarda-chuva com fuzil
Eu não confundo a pele preta
Violada ensanguentada
Estampadas nas manchetes do Brasil
Você confunde o cidadão trabalhador
Aponta a mira e depois faz o que quer
E na sequência mais um pai deixa seu
filho
Mais um filho sem seu pai
E mais luto de mulher
O mundo sangra todo dia
Pela falta de amor
80 tiros no sambista
Foi sem dó nem compaixão
Quem paga a conta todo dia
Deste jogo opressor
É o cidadão

Ele saiu pra passear
E nunca mais voltou
Guadalupe chorou

O pai de João Pedro, na ocasião de sua morte diz que os tiros não mataram apenas uma pessoa, mas uma família inteira. Que possamos todos sermos atingidos por esses tiros, que possamos nos sensibilizar com essas muitas famílias violentadas, chorar com Guadalupe e nos ocupar também da nossa guerra.

REFERÊNCIAS

- Askofarè, S. (2023). Psicanálise OU racismo. *Stylus Revista de Psicanálise*. N.º 46, p. 13-21. São Paulo.
<https://stylus.campolacaniano.com.br/cs/article/view/1030/690>
- Bento, C. (2022). *O pacto da Branquitude*. São Paulo: Cia das Letras.
- Emicida. (2015). Bang. No álbum XYZ. [Gravação de áudio]. São Paulo, Brasil: Selo independente.
<https://www.youtube.com/watch?v=WKiWQGpP0zQ>
- Emicida (com participação de Larissa Luz e Fernanda Montenegro). (2019). *Ismália*. No álbum *Amarelo*. [Gravação de áudio]. São Paulo, Brasil: Selo independente.
<https://www.youtube.com/watch?v=EtN1jBk0ZQg>
- Guerra, A. (2022). *Coleção Decolonização e Psicanálise, Volume Sujeito, Suposto Suspeito: a transferência psicanalítica no sul global*. São Paulo: N1 edições.
- Mbembe, A. (2020). *Necropolítica*. São Paulo: N1 edições
- Santa Fé, Vinny. 80 Tiros (Guadalupe Chorou). Muller Entretenimento e Quiabo Produções. Nov 2019.
<https://www.youtube.com/watch?v=dMl1p0faiAU>
- Santos, M. (1996/1997). As cidadanias mutiladas. In J. Lerner (Ed.), *O preconceito* (pp. 133-134). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

Como citar este texto

Borges, M. (2024). A guerra de todos e de ninguém. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 10, n.2, 54-65.
<https://dx.doi.org/10.59068/24476137aguerra>

RECEBIDO EM: 31/08/2024
APROVADO EM: 23/09/2024